



Felipe Mesquita

O jornal e a super notícia

Patrícia Namitala

Professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura da rede pública estadual de Minas Gerais.

Sou professora da rede pública e trabalho com a disciplina Língua Portuguesa e, mais do que ensinar apenas conteúdos gramaticais, tenho a preocupação de formar leitores. A questão da leitura é primordial, pois acredito que ela proporciona ao aluno uma visão de mundo mais ampla e crítica. Entretanto, despertar em nossos alunos essa necessidade da leitura e o gosto por ela não é uma tarefa fácil. Mas, ao mesmo tempo, o próprio aluno indica qual é o caminho que devemos trilhar para atingir esse objetivo. O professor precisa estar atento aos gostos do aluno, ao meio cultural em que ele vive, a seu nível de aprendizagem, para depois planejar suas estratégias.

Percebi que meus alunos, todos os dias, apareciam com edições de jornais de baixo custo e que esses jornais rodavam por toda a escola. A princípio, aquilo me incomodava. Afinal, em muitos momentos, o jornal chamava mais a atenção do que os textos ou as atividades propostas na aula do dia. Então a ficha caiu:

nada de nadar contra a correnteza. Meus alunos me indicavam o caminho.

Comprei um exemplar do *Super notícias*. Precisava conhecer o meu mais novo recurso pedagógico. Levei-o para a escola e perguntei aos alunos o que eles achavam de tal notícia, o que dizia o horóscopo do dia, qual era a graça da piada, qual era a fofoca mais escandalosa. Enquanto isso, eu reconhecia e preparava o terreno para jogar a semente e colher bons frutos.

A cada aula, um aluno se encarregava de ler um trecho do jornal, apesar de muitos resistirem à idéia - alguns se esquivavam por timidez, outros porque realmente tinham muita dificuldade, pois não dominavam nem mesmo as sílabas complexas. Eu estava diante de um desafio.

Dividi a turma em duplas e pedi que fizessem a leitura de uma notícia para o colega, assim eles iam adquirindo mais confiança e desenvolvendo as habilidades de leitura. Eles se envolveram na atividade, primeiro, porque gostavam de saber o que "tinha dado no jornal", segundo, porque as notícias são escritas em linguagem simples e objetiva e os textos são pequenos.

O segundo passo da atividade foi trabalhar o gênero notícia. Tentei, novamente, a leitura em voz alta e notei uma resistência bem menor. Perguntei: *Quem fez o quê? A quem? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê?* E anotei na lousa as respostas. Eles discutiam: *Não, o que virou notícia foi isso e não aquilo. Aconteceu foi assim, e não assado.* Também estimei a formação de pontos de vista: *Vocês concordam? Discordam? O que você pensa sobre isso? Qual é a veracidade dos fatos?* Mostrei a importância da imparcialidade, ainda que precária, do jornal e o valor dos depoimentos.

Então, propus que escrevessem uma notícia de jornal. Apesar de ver o esforço dos alunos, diagnostiquei seu baixo domínio da norma culta, como podemos ver no texto a seguir, que foi produzido por um aluno do Projeto *Acelerar para vencer*:

Um Índio desaparecida na Baía (1)

Um Índio desaparecido no dia 27 de fevereiro foi Emcomtrado por 2 pescado na Baía o Índio estava carbomizado e espanquado.

A partir dessa produção, novos estímulos foram colocados: O que faltou em meu texto? O que precisa ser melhorado? O que farei para chamar a atenção do leitor? E o texto foi escrito novamente:

Índio é encontrado morto:

*Na tarde de ontem, foi encontrado Índio morto, em bh.
No bairro Diamante, testemunhas disse que vinham 3 homens com pedaços de madeira.
Os 3 suspei foram vistos, dois foram presos e 1 um fugiu.
A polícia suspeita que a briga foi por causa de um pedaso de terra no lote do índio.
Ele foi sepultado na tarde de hoje.A família da tribu, estão assustado e revoltado com essa notícia.A família disse que quer justiça.
Ele deixou 3 filhos e a esposa.*

Levei a para a sala de aula, alguns textos baseados em notícias de jornal, como *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira, e *Construção*, de Carlos Drummond de Andrade. A atividade seria transformar os poemas em notícia. Para isso, marcávamos as rimas e as figuras de linguagem, substituindo-as por outros recursos lingüísticos, adequando o vocabulário e a estrutura do texto, de forma que ele se tornasse uma notícia. A bibliotecária também colaborou, fazendo uma seleção de textos que poderiam virar manchete. Os alunos ouviam as histórias e depois as reescreviam em forma de notícia. Por exemplo: numa história, ao invés de um lobisomem, quem atacou a mulher foi um wottweiler. Com essa prática, lemos e estudamos diversos gêneros textuais. Vejam a seguir, um trecho da notícia produzida por um aluno do Projeto *Acelerar para vencer*, com base na crônica *O homem trocado*, de Luis Fernando Veríssimo.

Rodrigo Freitas, 29, engenheiro, casado, residente à rua Eugênio da Parcuíba, número 85, em Niterói, sofria de uma terrível apendicite, causadora de uma cólica insuportável. O paciente foi internado no hospital Santa Casa para fazer a cirurgia. Porém, ocorreu um engano: a recepcionista do médico trocou a ficha de Rodrigo com a de outro cliente do hospital, Max de Andrade de Oliveira, 18, estudante. Este queria mudar de sexo.

Após o desenvolvimento de tantas habilidades de escrita e de leitura, sabemos, contudo, que o trabalho apenas começou, pois o processo de ensino-aprendizagem não pára nunca. Aprender é como notícia de jornal: todo dia traz uma nova informação. E, se não nos atualizarmos, corremos o risco de nos tornarmos notícia de ontem.

(1) - Não houve revisão nos textos produzidos pelos alunos, citados neste depoimento.